



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Engelmann, Arno
O Meu-Mundo e o Resto-do-Mundo
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 14, núm. 1, 2001, pp. 211-223
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18814118>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O Meu-Mundo e o Resto-do-Mundo

Arno Engelmann ¹

Universidade de São Paulo

Resumo

O presente artigo baseia-se na importante diferenciação entre meu-mundo e resto-do-mundo, ao contrário de um só Mundo ou Universo. Meu-mundo é o *único* ponto de partida de cada pessoa, inclusive dos inferidos. Apresenta a duração de três segundos em média. Tudo que sobra é algo a ser inferido e constitui o resto-do-mundo. Usando uma hipótese básica, a semelhança dos resto-s-do-mundo das diversas pessoas é achada. Contudo, a base biológica das pessoas age de tal maneira que a diferenciação acima mencionada é produto dessa ignorância é o fato de a maioria dos pensadores da ciência cognitiva falarem em uma única consciência. É indispensável o contraste entre a minha consciência, que é essencialmente a mesma coisa que meu-mundo e os outros, partes minúsculas do resto-do-mundo. Além disso, a primeira consciência é de caráter filosófico e não científico.

Palavras-chave: Consciência; universo; mundo; evolução.

My-World and the Rest-of-the-World

Abstract

There is a very important difference between my-world and the rest-of-the-world. A contrary opinion is that of a whole World or Universe. Each person begins *necessarily* in his my-world, even if he is a scientific researcher. The world's duration is about three seconds. Anything outside this my-world is inferred. It constitutes the rest-of-the-world. According to a basic hypothesis, different persons' rest-s-of-the-world similarity can be united in a single Universe. The person's biological background acts to disregard this difference. For example, the major philosophers talk about having only one kind of consciousness. On the contrary, these thinkers have truly two consciousnesses: one through which they have immediate knowledge —my-world— and the other through which they infer the human or nonhuman beings, very small parts of the rest-of-the-world. The first consciousness is philosophical and the second is scientific.

Keywords: Consciousness; universe; world; evolution.

O que se entende por *mundo*? O que se entende por *meu-mundo* e o que se entende pelo *resto-do-mundo*? *Mundo* é uma palavra portuguesa que deriva do latim *mundus, -i*. *Mundus* foi imitação literária feita pelos autores romanos da palavra grega *kosmos*. *Kosmos*, em grego antigo, apresenta dois significados diversos: o adjetivo *limpo, elegante* e um substantivo que quer dizer *Universo* ou *Mundo*². Esses dois significados diferentes foram adotados pelos autores romanos. É, contudo, a palavra com significado de *Universo* que deu origem ao nosso *Mundo*, assim como

que *Universo*. Ou significa classe social? É quando se diz de uma pessoa que pertence a uma classe, que conseguiu entrar no mundo. São os *mundos* que se apresentam nos textos filosóficos. É nessa *preocupação filosófica* que se discute o mundo diante (Buck, 1949; Ferreira, 1993; Lalande, 1993; Machado, 1966).

Mundo, no texto presente, refere-se ao *meu-mundo*. *Universo*. *Mundo*, entretanto, com o sentido de *meu-mundo*, possessivo meu, isto é *meu-mundo*.

eu se apresenta de modo parecido, o simples fato de exibir-se em cada indivíduo a parte *pessoal* de seu meu-mundo, torna necessariamente um pouco dissemelhante os meu-s-mundo-s de indivíduos únicos. Ou melhor, para cada indivíduo há uma parcela devida a inúmeros fatores de origem, de sexo, dos tipos de pais, do número ou da ausência de irmãos, de que a educação inicial veio da família próxima ou pelo contrário veio de diferentes pessoas que o acolheram na infância, do indivíduo se basear principalmente no que percebe exteriormente a ele ou de modo oposto basear-se principalmente em seus sentimentos internos, e não sei mais o quê. Essas maneiras influenciam o seu conjunto pessoal do presente momento.

Para cada pessoa que apresenta seu meu-mundo, resta a parte remanescente do mundo — o *resto-do-mundo*. Evidentemente esse resto-do-mundo será algo diferente para cada pessoa. Isso porque para cada pessoa, havendo o seu próprio meu-mundo, os meu-s-mundo-s de outras pessoas são apenas partes das consciências dessas outras pessoas e, portanto, partes dos seus seres humanos partes do resto-do-mundo. Entretanto, os vários resto-s-do-mundo são muito semelhantes ao Universo da época em que é apresentado e ainda muito semelhantes ao Universo das pessoas que constituem a mesma cultura ao qual pertence o indivíduo em questão.

Sei que a lógica presente de dividir o mundo em meu-mundo e o resto-do-mundo é muito estranha no linguajar comum e ainda mais estranha no campo das ciências empíricas. A maior parte dos cientistas ignora esta divisão. Entretanto, é a divisão que introduz uma marca individual em cada estudo de ciência empírica. Será o fundamento do artigo presente.

Vamos ver, em primeiro lugar, o que se entende geralmente por Mundo ou Universo e qual o lugar da consciência neste Mundo. A seguir, qual a posição de qualquer pessoa que procura conhecer esse Mundo, o seu iniciante meu-mundo. Há algo que resta e é a parte seguinte do artigo, o resto-do-mundo. Finalmente, qual

tipo espiral, como a nossa Via Láctea, com diâmetros de aproximadamente de cem mil anos-luz. As galáxias não apresentam uma distribuição uniforme no espaço. Grupos de galáxias vizinhas constituem aglomerados de galáxias, e aglomerados de galáxias relativamente próximos constituem superaglomerados de galáxias. Há evidência, até o momento, de a existência de superaglomerados de galáxias (Shu, 1999).

Dentro dos superaglomerados de galáxias, há um chamado de Superaglomerado Local, que contém uma coleção de mais ou menos cem aglomerados de galáxias. Um desses aglomerados é o Aglomerado Local, em que estamos. Exibe cerca de trinta galáxias, dentre as quais duas gigantes e espirais: a nossa Via Láctea e a nossa companheira, a galáxia de Andrômeda. As galáxias de tipo espiral são achatadas com uma parte central abaulada e rodeada externamente com um disco achatado. Internamente, com dois *braços* que se enrolam em uma estrutura de forma espiral. A Via Láctea contém de cem bilhões de estrelas, além de planetas e milhares dessas estrelas — o Sol — situa-se a cerca de dois terços do centro galáctico, na parte achatada (Shu, 1994; Landy, 1999; Shu, 1994). As estrelas e os aglomerados de galáxias, os superaglomerados de galáxias encontram-se em movimento. De acordo com a teoria do *big-bang*, a origem do Universo teria decorrido quando da enorme explosão, afastando-se, a seguir, uma da outra. Hoje, os astrônomos pensam que grande número de galáxias globulares seriam mais velhas que a própria Via Láctea (Krauss, 1999).

O Sol apresenta um sistema de planetas que se movem a translação em sua volta. Recentemente descobriu-se planetas em outras estrelas que não o nosso Sol. O terceiro dentro dos planetas solares, com o nome de Júpiter, o mais próximo do Sol. Visto nas dimensões da Terra seria um minúsculo microscópio. O planeta mais próximo da Terra é a Lua, que também se movimenta a translação em sua volta.

Aceitando-se a teoria da evolução darwiniana, os seres vivos mais complexos originaram-se de seres vivos mais simples através da seleção natural (Darwin, 1859/1958). Podemos dizer, hoje em dia, que através de mutações genéticas por acaso originaram-se modificações que resultam em indivíduos mais propícios a sobreviver do que aqueles que não passaram por estas mutações. Margulis e Sagan, além de mutações nos cromossomos, acreditam que os membros dos reinos⁵ originados depois do reino das bactérias, formaram-se a partir de simbioses dessas bactérias. Por exemplo, as mitocôndrias dentro do citoplasma de células superiores, transformando oxigênio em energia, são resultante de bactérias que vivem em simbiose com essas células. Apresentam ADNs⁶ próprios e reproduzem-se como bactérias, ainda que atualmente não possam viver de maneira independente (Margulis & Sagan, 1995).

A atmosfera da Terra apresenta atualmente cerca de 21% de oxigênio. Essa composição não é aquela que se encontra nos planetas internos próximos, Vênus e Marte. Noventa e seis por cento da atmosfera de Vênus é de gás carbônico e 3% de nitrogênio; 95% da atmosfera de Marte é de gás carbônico e 3% de nitrogênio. Na atmosfera da Terra o nitrogênio sobe a 77%. Mas o mais interessante é que o oxigênio molecular compõe 21% do ar. É um gás que normalmente se compõe com outras substâncias químicas. De acordo com muitos biólogos evolucionários, há cerca de setecentos milhões de anos atrás a composição da atmosfera terrestre começou a mudar. A grande quantidade de gás carbônico, que se encontra também nos planetas vizinhos, diminuiu de modo drástico, adquirindo com o tempo as proporções atuais: 3 partes em 10.000. Em compensação, o oxigênio aumentou. A composição da atmosfera da Terra alterou-se quando as bactérias deram origem, principalmente por simbiose, a outros reinos contendo seres vivos terrestres que respiram oxigênio (Belton & Malin, 1994; Chapman, 1994; Margulis & Sagan, 1995; Squyres, 1994).

Qual a melhor maneira de conceber a emergência? Há diversas maneiras de conceber duas ou mais substâncias. Há teorias *pluralistas*. São exemplos a *trialista* — matéria, vida e mente — que teve sua origem em (1967) ou a *trialista* — matéria, vida humana — que foi sustentada por (1977)⁷. No entanto, ao contrário, afirmam a existência de apenas duas teorias *monistas*, e não materialistas. As importantes hoje em dia citam a emergência de toda substância àquilo que é mais básico, uma parte da dialética do emergentismo, do qual falarei.

O *emergentismo*, que me parece ser o que existe o maior número de observações, é o mundo constituído de uma série de níveis. Um nível de organização é mais complexo que o anterior. Os princípios que o regem são mais complexos. Polanyi (1968) apresenta o exemplo da compreensão da fala. Em um nível há sons da voz. Em outro nível há palavras. Em um terceiro nível há frases. Em um quarto nível há sentenças. Em um quinto nível há parágrafos. Mas além disso há o estilo. Mas além disso há o contexto. Mas pressupõe que eles se arrumam. Mas inicialmente há o nível dos sons. Mas seguir o de sentenças e, finalmente, os níveis obedecem a uma série de regras. Mas emergências, esse passar de um nível imediatamente superior, é a característica do emergentista.

Tendo emergido um nível superior, há a concepção gestáltica deste novo nível. Há o nível inferior. Esse ponto de vista é o emergentismo. O reducionismo é o contrário. As versões, isto é, a capacidade de passar de um nível superior ao inferior, é a característica do reducionista.

teoria geral de sistemas. A relação entre os diversos sistemas, que podem ser chamados de níveis, era gestáltica, ainda que Bertalanffy prefira o termo semelhante de *todo*. Há pensadores mais recentes, entre os quais me incluo, que aceitam a base gestáltica e aceitam que o Universo é explicado por uma série de níveis (Engelmann, 1997; Polanyi, 1968; Stadler & Kruse, 1994).

Disse acima, que os níveis superiores não se reduzem totalmente a níveis inferiores. Entretanto, a irredutibilidade não é construída a partir de concepções pluralistas, como a de Popper e Eccles (1977). Pelo contrário, as determinações de um nível se dão em parte pelo outro nível dentro do Universo único. Durante muito tempo, era aceitável apenas explicar os níveis superiores por determinação dos inferiores. Por exemplo, as leis que determinam as propriedades das células continuam válidas ao serem estas partes da membrana mucosa do intestino de gatos. Hoje em dia, há inúmeras influências dos níveis superiores sobre aspectos dos níveis inferiores. Por exemplo, a estrutura óssea determina a calcificação das células que compõem os ossos (Campbell, 1974, 1990).

Na superfície da Terra encontram-se naturalmente os seres minerais e, também, os seres vivos. Dentro da moderna classificação de seres vivos de Whittaker (1969), modificada por Schwartz e Margulis (Margulis & Sagan, 1995) e baseada na evolução, a divisão inicial é entre procariotos, com ausência de núcleos celulares e surgidos há cerca de três bilhões e novecentos milhões de anos atrás, e eucariotos, com presença de núcleos celulares e surgidos há cerca de um bilhão e novecentos milhões de anos atrás. Os eucariotos são representados pelos reinos que surgiram na seqüência evolucionária seguinte: (1) protocistas — principalmente os chamados antes de protozoários —, (2) animais, (3) plantas e (4) fungos. Entre os animais, uma parte é constituída de vertebrados⁹. Entre os vertebrados, há os mamíferos; dentro dos mamíferos, há os primatas; dentro dos primatas, há os antropóides; dentro dos antropóides, há os hominóides; dentro dos

fora e/ou dentro desse ser vivo, no passado. Além disso, esse conhecimento informa o próprio ser vivo de algumas pretendidas ou presentes, reais ou imaginárias. Esse conhecimento pode abarcar outras coisas que não consegui captar¹¹. De qualquer modo, a consciência é o conhecimento pelo

Há alguma relação entre emergência e o vivo apresentar consciência? Acho que sim, cuja única maneira de se representar de um sistema nervoso central e de outro a consciência. Essa emergência é apresentada como a emergência em vários níveis. Assim, Sperry (1969, 1980) introduziu uma consciência em interação com o mundo na sua nova versão de neurociência, a qual a solução era a emergência. Essa é também a solução de Schwartz (1996) ao problema da consciência, esta seja apenas uma parte do problema da consciência, lugar da neurociência dentro da ciência da consciência. Os autores que representam não apenas a consciência como parte do nível superior, mas além disso, a consciência conscientes. Marcel (1988/1992) descreve a consciência de processos que não cabem na consciência consciente que descrevem o nível neural e o nível não-consciente, apresenta o mesmo tipo de consciência, os fatos conscientes — a descrição fenomenológica seriam os verdadeiros processos não conscientes. Os autores que falam em diversas emergências em seres vivos — células, tecidos, órgãos, sistemas, organismo, nível cujo limite externo não é o organismo completo (Ayala & Dobzhansky, 1974; 1984; Searle, 1992). Há autores que aceitam a emergência do organismo, como, por exemplo, o geólogo (Bailey, 1998; Miller, 1978; Schwartz, 1996). Há muitos autores que acreditam que a emergência em vários níveis não se restringe aos seres vivos, mas também aos seres minerais (Ali & Zimmer, 1998; Laszlo, 1975; Miller & Miller, 1982; 1983).

Pelo visto acima, há acontecimentos que se realizam no mesmo nível em que há fatos conscientes, mas que realmente não o são. Ao conjunto deles se dá o nome de fatos não-conscientes. Apresentam grande semelhança com os fatos conscientes. São provocados por estímulos de intensidades menores daqueles que normalmente levariam à consciência, como um som abaixo do limiar absoluto; ou são acontecimentos que um ser humano é incapaz de sentir por que está hipnotizado; ou são acontecimentos desagradáveis que aconteceram ao ser humano mas que foram reprimidos; ou, simplesmente, são acontecimentos que podem se apresentar à consciência, entretanto não o são no momento, como o gosto azedo de uma fruta que não se esteja atualmente comendo ou o conteúdo de um livro que nunca se leu. Finalmente, é possível que haja acontecimentos que nunca poderão ser conscientes, mas que se comportam do mesmo nível sistêmico dos acontecimentos conscientes. Todos esses acontecimentos são chamados de não-conscientes. Portanto, há o nível superior à explicação neurofisiológica que é formado por acontecimentos não-conscientes e acontecimentos conscientes. Dou a esse nível, de maneira semelhante a outros autores, o termo de *mente*¹³ (Engelmann, 1997; Farthing, 1992; Sommerhoff, 1990).

Desde estudos relativamente antigos (Dixon, 1981) até investigações mais recentes (Kihlstrom, Barnhardt & Tataryn, 1992; Lewicki, Hill & Czyzewska, 1992; Mack & Rock, 1998; Underwood, 1996; Weiskrantz, 1997), o ser humano é capaz de perceber e pensar sem estar consciente do que percebe e do que pensa. É esta capacidade de realizar inúmeras tarefas, que classicamente eram considerados conscientes, uma prova de que a consciência só se manifesta no ser humano? No excelente livro de Weiskrantz (1997), há investigações que demonstram que alguns mamíferos, como os chimpanzés, macacos não antropóides, ratos se comportam como se tivessem consciência.

largamente utilizados hoje em humanos, essa consciência por tactos, dores e também com não termos esta consciência absolutamente nada. Somos a disso, a consciência que surge o que conhecemos. É essa consciência no fim do século XVII por fato de ser consciente de alguma pressupõe um *eu* e um *algo* perceber, vai se lembrar, vai perceber no primeiro caso, a consciência caso é dessa aparência e mais aparência. No segundo caso aparência; no primeiro caso aparência, não tenho o que al da aparência. O primeiro caso primária por Edelman (1992), consciência 3 por Natsoulas (19 foi chamado de *consciência de ordem de consciência reflexa* (Husserl, *refletiva* (Farthing, 1992) ou de *consciência*¹⁵.

Há pensadores que classificam apenas o segundo caso. É que penso que tenho consciência. É muito muito mais amplo. definição e de acordo com pesquisadores é igualmente claro. Descartes (1637/1988) a *Método* a diferença entre os animais. Os animais seriam máquinas do que as máquinas feitas por seriam máquinas. Os seres humanos sua parte corporal, também se pelo fato de possuírem uma mente eram capazes de perceber e de própria vontade. O que Descartes

Griffin (1976) reabriu para os americanos, que leram textos behavioristas, a possibilidade de se estudar a consciência. E não se trata exclusivamente da consciência humana, mas das consciências de outros animais. Agora, que animais a serem incluídos? Carruthers (1998), por exemplo, clama que na realidade apenas a consciência de ordem superior ou reflexa seria capaz de originar consciência. Como consciência de ordem superior o único realmente pertencente é o ser humano. Talvez, entretanto, possa se incluir primatas superiores, como os chimpanzés. Para Edelman (1992) e Humphrey (1992) os mamíferos e as aves demonstram sistemas nervosos que poderiam abranger acontecimentos conscientes. Oakley (1985) acha que alguns répteis poderiam ser inseridos. Para Griffin (1992) não se trata apenas dos vertebrados superiores, mas também pode-se falar da consciência de insetos sociais. De outro lado, para Hameroff (1998), Insinna (1998) e Norris (1998), a consciência seria mais ampla: vários ou todos os seres vivos unicelulares apresentariam consciência. Para Margulis e Sagan (1995) ter consciência seria uma característica da autopoiese das células: essas células reagem a seres minerais ou vivos situados fora da sua membrana e, portanto, apresentam consciência.

Em 1871, Darwin publicou um livro, *The Descent of Man*, no qual afirma que “É tão sem esperança procurarmos saber em que animais inferiores se iniciou o desenvolvimento das faculdades mentais, quanto realizarmos uma investigação para saber em que momento se iniciou a vida” (Darwin, 1871/1998, p. 67)¹⁶. Darwin achava que esse problema se destinava ao futuro. Essa mesma opinião foi levantada cento e vinte anos mais tarde por Freeman (1990). Minha atitude atual com relação ao problema é idêntica à antiga de Darwin e à mais nova de Freeman. É necessário conhecer um bom indicador da consciência nos seres vivos, antes de saber mais corretamente que seres vivos tem consciência e que seres vivos não a tem. Isso não é motivo para não

Duas Abordagens ao Mundo

Tudo o que falamos na parte O Mundo deve ser considerado sob o ponto de vista científico. Há também assuntos em que a abordagem científica que abordam esse assunto. Entretanto, fala-se igualmente do cotidiano do Mundo.

Vejamos em outras áreas que não o Mundo exemplos desta duplicidade. Uma pessoa quer construir a sua casa no topo de um lago. No caso em que nunca se viu atividades deste tipo, a primeira tarefa é do arquiteto. Este arquiteto, diante da experiência quanto ao número de indivíduos que vão fazer quanto às atividades que pretende realizar, vai à sua própria maneira de verificar a possibilidade de edificação, apresenta um projeto arquitetônico a uma pessoa. Essa abordagem é absolutamente necessária no início da edificação. Porém, não é suficiente a atuação de pedreiros, que colocam as pedras uma acima da outra, o projeto do arquiteto vai sendo suas fantasias. Essa segunda abordagem é também absolutamente necessária. E se não for, a construção não será feita.

Um outro exemplo é o de um escritor que escreve um conto a respeito de um casamento. O escritor, que se conhecem desde crianças. Contando com o interesse, vai ressaltar o aspecto mais formal ou o seu aspecto humorístico ou qualquer outro da questão. É a criação literária. É a criação que pensamos ser a única tarefa do escritor. Mas há outra abordagem que é também absolutamente necessária. Quando o escritor era menor foi para aprender a escrever e aprendeu como se ligam certos sinais do português, como as palavras se formam, as letras. Antes de saber como um conto vai ser escrito ele aprendeu a escrever na sua língua materna. A abordagem de saber escrever é fundamental e básica. Neste exemplo, as duas abordagens são

o mundo. Antes de procurar esta maneira de conjecturar sobre o mundo, quero fazer três breves digressões.

Em primeiro lugar, apresento uma questão de nomenclatura. No presente texto, falo em meu-mundo e resto-do-mundo. Em outro texto, falei em *isto* e *fora* (Engelmann, 1997). Os significados dos dois pares de termos é idêntico. Entretanto, a perspectiva é bem diferente. *Isto* é um termo baseado naquilo que se passa no presente de uma única pessoa; o *fora* é tudo aquilo que não é o *isto*. Esse *fora* é, no outro contexto, um quase-Universo enorme, no qual o restante *isto* representa uma coisa micro-micro-...-microscópica. Nesse contexto, será melhor chamar o *fora* de resto-do-mundo e o *isto* de meu-mundo.

Em segundo lugar, falo em meu-mundo único. Esse meu-mundo não pertence a ninguém a não ser a mim. É uma coisa unicamente individual. Entretanto, ao discorrer sobre o meu-mundo espero que as minhas palavras sejam lidas por vocês. Cada um de vocês têm também um seu meu-mundo. O meu-mundo de você é apenas seu; nunca de outros e nunca o que chamei de meu meu-mundo. É, novamente, uma coisa individual. Se falarmos nas consciências presentes de seres humanos, essas consciências presentes, ainda que tenham algo de parecido com o meu-mundo, nunca serão os meu-s mundo-s. Então, como falar em meu-s mundo-s no plural? Por que falar nos meu-s mundo-s do enorme número de leitores? É uma forma apenas de linguagem. O que quero dizer é que posso falar no meu-mundo de outra pessoa e, mais ainda, falar nos diversos meu-s mundo-s que se pregam a diversas pessoas, ainda que *corretamente* só posso conscientizar o meu próprio meu-mundo.

Em terceiro lugar, acho importantíssimo colocar-me com uma posição dentro das questões filosóficas. Sou cético. *Cético* na linguagem atual comum significa *Que, ou aquele que não crê, que duvida de tudo; descrente; desconfiado*..., no dicionário de Houaiss (1980, p. 181). Creio que não é exatamente assim.

ceticismo não implica a crença em Deus pode existir. Hume (1775) científico moderno, acreditava, porém, não achava uma maneira a sua existência.

Entre os dogmáticos, há o que acredita no dogma da realidade coisa fora de nós. Há diversos ingênuos, que acreditam na proporcionado pela percepção que acreditam em algo externo colocado exatamente por o percepção e/ou de nossa cognição.

De outro lado, há diversos ceticismo pirrônico, que simplesmente as coisas, e há o ceticismo mítico XVIII David Hume (1748/19 de todas as coisas; entretanto, é maior e coisas em que a dúvida grau de dúvida pode mudar em numa pessoa em vários Considerando-se cético proba XIX, falava na *probabilidade subj* de dúvida. Sou cético mitigado da eterna dúvida com relação dúvida pode apresentar graus subjetiva. Há dúvidas que j dúvidas que chamamos de g dúvidas médias, pequenas e 1975; Engelmann, 1997; Lala

Voltemos, agora, ao tema mundo é tudo que uma determinado instante. Também ao meu-mundo as *vontades*, os as imagens da pessoa. O meu- Não é passado; pelo contrário

Sem dúvida, o momento apresenta uma certa duração. N

durações não existem no meu-mundo. A única duração é aquela própria do meu-mundo.

O meu-mundo não pode ser conhecido através de uma série de processos causadores. Os processos, mesmo que sejam causadores do meu-mundo, poderão ser conhecidos *somente através* do meu-mundo. Por exemplo, sinto agora uma repentina dor em um dente molar direito. Sei que mastiguei erradamente desse lado. Meu dentista me havia prevenido contra o uso do lado direito. Mas, que posso fazer? Esqueci. Acho que a dor proveio do utilizar um dente que não poderia ser usado. O que sinto é a dor localizada, não a causa da dor. Se me explico, a causa da dor é posterior ao sentimento de dor. A própria explicação é uma fortíssima teoria. Entretanto, enquanto teoria pode estar errada. O que sinto no meu-mundo, em primeiro lugar, é a dor. Ou vejo agora a queda de um livro que estava na mesa do computador em direção ao chão. A queda desse livro ocorreu, já que algum fator rompeu o equilíbrio anterior. Sei que os livros pertencem a objetos desprovidos da capacidade de mover-se por atividade própria. Apesar de não conter no meu-mundo o lançamento do livro, o mais provável é que eu o tenha tocado com o cotovelo direito *sem querê-lo*. Entretanto, no meu-mundo vejo a queda de um livro. A provável explicação é posterior.

Tento transmitir-lhes o que entendo por meu-mundo. Isto é de um lado, extremamente fácil, mas de outro, extremamente difícil. É extremamente fácil compor o meu-mundo, já que é semelhante ao seu pseudo-meu-mundo de você. O seu meu-mundo é a única coisa que você conhece. É extremamente difícil, na medida que os textos científicos lidam com assuntos gerais e, enquanto gerais, não há lugar para o individual momentâneo. Os assuntos gerais são necessariamente parte do resto-do-mundo, são *inferidos*. Os assuntos gerais do resto-do-mundo pressupõem as inferências feitas por grande número de seres humanos observadores. Além disso, cada observador apresentará um número grande de

mundo é individual. E por ser individual, não posso corretamente falar do meu-mundo, não posso falar de você leitor. Vamos mencionar alguns pontos para fortalecer a idéia daquilo que estou expondo.

Em primeiro lugar, vejo agora um quarto com estantes e um computador, com monitor e teclado. Meus dedos estão digitando palavras na tela do monitor essas palavras escritas correspondem em correspondência com aquilo que estou expondo. É uma situação que todos reconheceriam como verdadeira. É o meu-mundo.

Em segundo lugar, posso imaginar a seguinte situação: passei no hotel de Ribeirão Preto¹⁹, num dia em que estava tomando café. Vi rapidamente uma pessoa que não esperava encontrar entre os psicólogos que vão à Reunião Anual. Entretanto, atualmente, a situação do hotel, *lembro-me* apenas do que a memória pode enganar. Por exemplo, lembro-me que realmente encontrei essa pessoa naquele dia, mas o quando desse encontro pode estar errado. Encontrei num dia da última Reunião Anual, mas na penúltima Reunião Anual. Se não fosse a melhor da situação, esse rápido encontro poderia ter tomado tempo. Uma outra hipótese, é que meu encontro foi registrado de maneira nenhuma na memória. Não me deste encontro numa manhã em que estive recentemente no hotel; entretanto, foi um encontro que me lembrou a minha. A assim chamada *lembança*, não foi um encontro, foi uma alucinação (Loftus, 1993). Tal tipo de situação quando transferido a observações científicas.

Em terceiro lugar, posso pensar em uma situação de grande cidade litorânea da Índia. Posso pensar em eu andando nas ruas cheias de gente. Posso pensar em inúmeros animais andando também nas ruas: macacos, elefantes, etc. — e para os quais eu não daria a menor atenção. É o que ouvi dizer de uma cidade que acredito. Entretanto, nunca estive lá, nem em qualquer outra cidade indiana. Não posso afirmar que

mim, se esse todo é maior que a duração do meu-mundo? Como seria possível ouvir uma pessoa contando uma ocorrência, se o contar a ocorrência seria maior do que a duração do meu-mundo? Acho que ao ouvir a música, ouço as diversas partes da melodia enquanto ela está ocorrendo e, ao mesmo tempo, percebo a configuração ou a *Gestalt* da música enquanto está se realizando. Acho que estou ouvindo as palavras enquanto estão ocorrendo e, ao mesmo tempo, estou reconstruindo a ocorrência e a ocorrência é mais longa do que o presente, o meu-mundo.

Meu-mundo é uma duração pequena na captação das *Gestalten* temporais. De outro lado, o meu-mundo que corresponde ao presente subjetivo na consciência dos outros seres humanos, é de tal maneira que dura mais ou menos três segundos. Os seres humanos apresentam a consciência, talvez, como o tempo necessário para re-apresentar um objeto tendo como finalidade controlar e avaliar esse objeto, como escreve Crook (1980). Ou, quiçá, o tempo necessário para conscientizar um objeto no ser humano, e que é ao redor de três segundos, antes que se torne não consciente e caia na memória breve. Por que é assim? Não sei; mas é assim.

Esse motivo de tipo biológico precisa ser descoberto. De qualquer jeito, a consciência que surgiu nos seres vivos não pressupunha o uso filosófico-científico de ser o início da descoberta do Universo. Pelo menos, é o que penso atualmente sobre o assunto.

Em quinto lugar, posso sentir-me tenso. O artigo, a preocupação de transmitir bem um assunto para o qual pensei longamente, deu origem à *emoção* de tensão. Essa tensão que sinto, assim como outras *emoções*, teriam a mesma forma que percepções. O mais comum é que seriam sentidas por dentro da pele. Entretanto, além dessa localização interna, não há mais nada. Seriam chamados de estados internos ou subjetivos (Engelmann, 1978a). Sua origem específica estaria mais em atividades do sistema límbico, ainda que as conexões com nervos

lógica, problemas científicos do meu-mundo.

Nesses exemplos, mostrei poderia ser o *meu-mundo*. Há algo diretamente ou conheci diretamente do meu-mundo? Pela definição, tudo que a pessoa conhece numa resposta é *Não*. Se, além de mim, de todos os seres humanos, de épocas, esse conhecimento seria por um meu-mundo incluir tudo o que os psiquiatras *inconsciente*, tudo o que foi pensado das possíveis consciências de outras pessoas, evidentemente, foi ou é conteúdo de pessoas humanas.

Tudo o que existe a respeito e forma parte das linguagens e gráficas, fora antes, pelo menos qualquer meu-mundo de um leitor incluído nos meus mundo-leitores. *Todo e qualquer conhecimento seja uma única vez, num meu-mundo*.

Como o meu-mundo é a forma, quais os limites desse conhecimento mas não os caminhos que levam — desde os órgãos de sentido estímulos visuais, auditivos, informações nervosas que são para partes mais centrais do sistema as formas de ondas eletromagnéticas harmônicas, dentro de vinte a trinta metros nos seres humanos; de moléculas no ar até os narizes; das formas que atuam nos receptores de tactilidade objetos externos que são percebidos, tudo o que *se imagina* quer ter uma *imagem*²¹ — as le-

de duas figuras bidimensionais de dois objetos tridimensionais poderia chegar à conclusão que realmente se trata do mesmo objeto tridimensional e não a mudança efetiva no espaço tridimensional desses dois objetos.

E, muito provavelmente, tudo o que *se pensa*. Há muita controvérsia sobre a realidade consciente daquilo que se pensa. A maioria dos investigadores hodiernos acreditam que o conteúdo do pensamento constitui parte da consciência. No entanto, há pesquisadores que acham que o pensamento se traduz sempre por imagens (Mandler & Mandler, 1964). Atualmente se crê que o indivíduo que pensa está numa consciência *reflexiva* e não numa consciência *primária*, como disse antes. Ele reflete sobre o conteúdo da consciência primária. Nessa reflexão, ele pensa sobre algo que forma uma aparência para o eu (Farthing, 1992; Husserl, 1950). Sommerhoff (1990) considera essa forma de consciência uma representação de ordem superior à representação interna do mundo e do eu-no-mundo ou à representação de objetos, eventos e situações fictícias ou ausentes. A divisão é contudo mais ou menos a mesma que, há trezentos e cinquenta anos, Descartes (1649/1989) realizava entre *paixões*, que corresponderiam à consciência primária, e *ações*, que corresponderiam à consciência reflexiva.

É importante que freqüentemente os pensamentos não constituem parte da consciência reflexiva mas da consciência primária. O que distingue os dois é a maneira de se apresentar ao meu-mundo: a consciência primária parece *dada*; a consciência reflexiva é meu-mundo que *faz*.

Havia dito há nove anos que meu-mundo é percebido

“*sem um corpo*. Ao mesmo tempo, posso *pensar* que tenho um corpo; ... Posso cortar-me e o meu sangue irá se esvaír. Mas, o sangue é somente um líquido vermelho, não é o sangue do que falam os fisiólogos. As pessoas que posso perceber, os animais que posso perceber, as plantas que posso perceber, as partes do meu escritório, a janela, o que vejo diante da janela — prédios com apartamentos, o barulho de pessoas que falam mas que não vejo — tudo isso é *real*, mas

há algumas *hipóteses básicas*²² que ante outras hipóteses (Engelmann, 1997) hipóteses, é principalmente importar hipótese do universo comum, que consistem de todos os restos-do-mundo, tanto passados. Isto é, ainda que as observações do mundo das diferentes pessoas não são iguais, as diferenças de percepção podem ser às pessoas e não ao mundo exterior. E esta terceira hipótese, o mundo exterior

A afirmação acima, com o verbo *se* indicativo, é o fundamento do realismo. A afirmação é, considerada por mim, um como hipótese, ela faz parte do ceticismo

Aceita a terceira hipótese básica do universo comum — e aceitas as seis básicas — tudo o que dissemos na primeira artigo, vai referir-se também à parte do mundo, com as ressalvas próprias do ceticismo probabilístico, é o Mundo ou

Relações Entre Meu-Mundo e o Resto-do-Mundo

Qual a relação que se estabelece para o meu-mundo e seu resto-do-mundo? A relação é feita entre seu meu-mundo imediato e seu resto-do-mundo inferior. Seu resto-do-mundo passa através de mim. Como disse há pouco, a relação é entre o meu-mundo e o resto-do-mundo. Se afirmado as hipóteses básicas, o mundo é cientificamente aceito no ano de 2000 D.C. A pessoa, não importando a época de sua vida, sempre a divisão entre seu meu-mundo e seu resto-do-mundo, qual aceito por essa mesma pessoa.

Muitas dialéticas foram aprendidas para compreender o mundo. Acho que uma dialética deveria ocorrer entre o minúsculo meu-mundo e o enorme Universo, de outro. A dialética capte a diversidade enorme do mundo e a unidade do meu-mundo.

contato apresentam suas consciências. De um lado, a consciência da pessoa deve ser localizada em parte do seu organismo, um dos níveis do seu ser biológico. De outro lado, o meu-mundo é também conhecido como consciência. Entretanto, como deixei bastante claro no artigo *Dois tipos de consciência* (Engelmann, 1997), os locais apresentam-se totalmente diferentes dentro da cadeia científica. A minha consciência é sempre o início de qualquer observação científica. As consciências de outras pessoas são locais de probabilidade subjetiva alta dentro do nível organismo de seres humanos, mas partes do resto-do-mundo. Falo em *consciência-imediata* no caso de meu-mundo; falo em *consciência-mediata-de-outros* no caso de porções do organismo de alguns ou todos os animais²³.

Há um grande número de investigadores e pensadores que continuam adotando o critério anterior ao acima citado: haveria apenas um tipo de *consciência*. Essa *consciência* para muitos deles seria *subjetiva*, seria a capacidade de captar *qualia*²⁴, e ao mesmo tempo de comportar-se como um ser humano externo a nós. Entretanto, já faz sessenta e oito anos que o psicólogo Edward C. Tolman (1932/1967, 1935/1951) escreveu sobre a enorme diferença que existe entre essas duas formas de consciência²⁵.

Podemos dar graças por ter o ser humano descoberto uma maneira de, dado o seu minúsculo meu-mundo, explorar inúmeras facetas do resto-do-mundo. Daí, à medida que foi descobrindo o resto-do-mundo, inventava engenhos capazes de facilitar seu trabalho, inventava preparações para melhorar os seus alimentos, inventava remédios para alongar a sua vida, inventava aparelhos que facilitavam os seus deslocamentos na superfície da Terra. E, finalmente, pensava em arquiteturas que qualificassem sua passagem na Terra, pensava em músicas e pinturas que expressassem os seus sentimentos, pensava em utopias capazes de melhorar a vida dos seus semelhantes. Essas utopias, quando aceitas pela maioria dos seres humanos, poderão levá-los a melhorar a

Esse resto-do-mundo é um mundo em que a moral pode melhorar a vida de todos os seres sem os acreditáveis meu-s-mundo não se poderia inferir absolutamente s-do-mundo. Tudo o que se conhece ou melhor dos resto-s-do-mundo de meu-s-mundo-s individuais em última instância, momento fabricam o nosso Universo.

Referências

- Ali, S. M. & Zimmer, R. M. (1998). Beyond the framework for emergence. Em S. F. C. Scott (Orgs.), *Toward a science of consciousness*. MIT Press.
- Arnheim, R. E. (1986). The trouble with *Psychology*, 4, 281-284.
- Ayala, F. Y. & Dobzhansky, T. (Orgs.) (1974). *biología* (C. P. Rotge, Trad. do inglês). (Original publicado em inglês em 1974).
- Bailey, A. (1998). The five kinds of levels. Em A. W. Kaszniak & A. W. Scott (Orgs.), *Psychology II* (pp. 577-583). Cambridge: MIT Press.
- Belton, M. J. S. & Malin, M. C. (1994). *The new encyclopaedia Britannica* (ed.). Chicago: Encyclopedia Britannica.
- Bertalanffy, L. von (1975). The history of systems theory. Em L. von Bertalanffy (Org.), *General systems theory* (pp. 149-169). New York: Gordon & Breach.
- Bertalanffy, L. von (1977). *Teoria geral da sistemas*. Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1977).
- Buck, C. D. (1949). *A dictionary of selected languages*. Chicago: University of Chicago Press.
- Cairns-Smith, A. G. (1985). *Seven clues to the evolution of life*. Cambridge University Press.
- Campbell, D. T. (1974). 'Downward causation' in biological systems. Em F. J. Ayala & S. M. Ali (Orgs.), *The philosophy of biology* (pp. 179-186). New York: Academic Press.
- Campbell, D.T. (1990). Levels of organization in the selection-theory approach to evolution. Em S. M. Ali & E. Tobach (Orgs.), *The*

- Popper, K. R. & Eccles, J. C. (1977). *The self and its brain*. London: Springer-Verlag.
- Prado e Silva, A. (Org.) (1970). *Novo dicionário brasileiro Melhoramentos ilustrado*. Vol. IV. São Paulo: Melhoramentos.
- Radner, D. & Radner, M. (1996). *Animal consciousness*. Amherst, NY: Prometheus.
- Scheerer, E. (1994). Psychoneural isomorphism: Historical background and current relevance. *Philosophical Psychology*, 7, 183-210.
- Schwartz, G. E. (1982). Psychophysiological patterning and emotion revisited: a systems perspective. Em C. E. Izard (Org.), *Measuring emotions in infants and children*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Schwartz, G. E. (1996). Levels of awareness and “awareness without awareness”: From data to theory. Em S. R. Hameroff, A. W. Kaszniak & A. C. Scott (Orgs.), *Toward a science of consciousness* (pp. 279-298). Cambridge: MIT Press.
- Scott, A. C. (1996). The hierarchical emergence of consciousness. Em S. R. Hameroff, A. W. Kaszniak & A. C. Scott (Orgs.), *Toward a science of consciousness* (pp. 659-671). Cambridge: MIT Press.
- Searle, J. R. (1992). *The rediscovery of the mind*. Cambridge: MIT Press.
- Shu, F. H. (1994). The Cosmos. Em R. Mc Henry (Org.), *New Encyclopedia Britannica. Macropaedia* (Vol.16; pp. 762-796, 15ª ed.) Chicago: Encyclopaedia Britannica.
- Smith, P. (1992). *O que é ceticismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Sommerhoff, G. (1990). *Life, brain and consciousness*. Amsterdam: North-Holland.
- Sperry, R. W. (1969). A modified concept of consciousness. *Psychological Review*, 76, 532-536.
- Sperry, R. W. (1983). Mind-brain interaction: Mentalism, yes; dualism, no. Em R.W. Sperry (Org.), *Science and moral priority* (pp. 77-103). Oxford: Basil Blackwell. (Original publicado em 1980)
- Squyres, S. W. (1994). The solar system. *Britannica* (Vol. 27: pp. 469-477; Britannica.
- Stadler, M. & Kruse, P. (1994). Gestalt theory: From physical isomorphism to holistic emergence. *Psychological Review*, 7, 211-226.
- Storer, T. I. (1951). *General zoology* (2ª ed.). New York: Macmillan.
- Stubenberg, L. (1996). The place of qualia. Em S. R. Hameroff, A. W. Kaszniak & A. C. Scott (Orgs.), *Toward a science of consciousness* (pp. 41-49). Cambridge: MIT Press.
- Tolman, E. C. (1951). Psychology versus behaviorism. Em E. C. Tolman (Org.), *Behavior and psychology*. California Press. (Original publicado em 1938)
- Tolman, E. C. (1967). *Purposive behavior in animals*. New York: Appleton-Century-Crofts. (Original publicado em 1932)
- Underwood, G. (Org.) (1996). *Implicit and explicit memory*. Cambridge: MIT Press.
- Weiskrantz, L. (1997). *Consciousness lost and found*. Cambridge: MIT Press.
- White, A. R. (1990). *The language of imagination*. New York: Oxford University Press.
- Whittaker, R. H. (1969). New concepts of the universe. *Nature*, 163, 150-160.
- Williams, B. (1983). Descartes’s use of the term “consciousness”. Em *The skeptical tradition* (pp. 337-352). Cambridge: Cambridge University Press.

Sobre o autor:

Arno Engelmann é professor da Universidade de São Paulo.